

3ª VJF
= PS
=

O O B G O É R E I



ORIGINAL -- EL TUNTO ES REY

AUTOR -- CARLOS FUENTES

TRADUTOR -- JURANDIR ALMIATTI

ENDEREÇO -- RUA CARLOS VON KOSERITZ, 930
B AIRRO HICLENÓPOLIS -- FONE -- 22-50-94
PORTO ALEGRE -- RS

GÊNERO -- DRAMA PESSOAL

TRANSLADO DO ORIGINAL MEXICANO.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



O CEGO É REI - (El tuerto es rey)

CENÁRIO - Um salão do Segundo Império, com alguns restos de elegância, porém em seu conjunto, bastante anterior. Ao fundo em cima, uma grande / casa matrimonial. À direita da casa, uma enorme pilha de jornais e revistas. À direita, no centro, uma porta. Um teclado com espelho, porém, sem ôco. Armário velho e grande, pequena cômoda com / diversas gavetas, uma cadeira de balanço, um par de banquinhos, uma mesinha de rodas para chá.

O mobiliário convencional repousa sobre uma rampa em cujo centro / há um círculo negro.

Uma segunda rampa comunica o cenário à platéia.

PERSONAGENS - DUQUE E DONATA.



Um homem de barba loira, abre o pano como se abrisse as cortinas de uma grande janela. Sômente uma luz, de intensidade solar, ilumina seu rosto e o obriga a piscar os olhos e a tapá-los com o braço livre. O homem veste jaqueta, calças listradas e gravata listrada.

DUQUE -- Atenção. Esta noite voltei a senhar o mesmo. É a história de um escultor. Faz estátuas maravilhosas. Mas não as vende. As ama demasiado. Seu atelier está cheio de estátuas. Não ganha um centavo. Os credores aparecem e o ameaçam de-ve vender algumas estátuas para pagar-lhos. O escultor se nega. As estátuas / são sua criação. A elas ele deu sua vida. Então os credores dizem : e escultor deve se achar uma estátua, porque para êle não há diferença entre as estátuas e os homens. Então um plano simples e macabro! Obriga o escultor a se olhar num espelho, lhe demonstra que é de carne e osso. O escultor se olha no espelho... destrói as estátuas com os mesmos cinséis que usou para esculpi-las... e abandona para sempre sua casa. Nunca mais se soube d'êle.

DONATA -- Aparecer ... Duque, estás aí ? O que estás murmurando ?

DUQUE -- Você sabem que estátua quer dizer alegria; que planete significa vagabundo e que universo é sinônimo de adôrno ?

DONATA -- É inútil, Duque. Nunca estaremos de acôrde. Além do mais, eu já cansei.

DUQUE -- A senhora desconhece as raízes.

DONATA -- A casa é demasiado pequena e o tempo é demasiado curto para jogar o jogo da / torte.

DUQUE -- Vamos jogar o jogo de nos cuidar-mes ?

DONATA -- Essa é outra discussão interminável. E tu és um trapaceiro.

DUQUE -- Você me dizem tu. Porém tu não quer dizer nada. Tu é como uma caixa velha / atirada à beira da estrada. O primeiro que passa, pede colocá-la.

DONATA -- Sim, porém sou eu que te diz tu. Essa é a diferença.

DUQUE -- Senhora... Donata ?

DONATA -- Eu sempre sou eu. Não tenho necessidade de representar.

DUQUE -- Donata ?

DONATA -- Tu não és nada porque eu posso dizer-te tu a qualquer hora. Aí está. Acabado o jogo dos pronomes.

DUQUE -- Podemos jogar o jogo dos sonhos.

DONATA -- Não insista. És incapaz de contar-me os teus.

DUQUE -- Mas senhora, o interessante é que meu sonho não é meu. Essa é a graça. Você entende ? O interessante é que eu sonho um sonho alheio.

DONATA -- Já sei. O sonho sômente te atravessa. Meu marido não escreveu ?

DUQUE -- Eu sou seu condutor.

DONATA -- Nem sequer um cartão postal ?

DUQUE -- Seu marido foi a Deauville em viagem de negócios ? A senhora acha que seus sonhos são sômente seus ? De sua exclusiva propriedade ?

DONATA -- Estou te dirigindo a palavra.

- DUQUE - NÃO nos disse antes de sair? Você sempre manda sempre escrevo um "sino". Não tem por que escrever-nos repetindo o que já ...
- DONATA - Exatamente. Cada vez que sonho, invento algo novo, algo que só pode ocorrer sonhar. AO contrário, teu sonho é um carrossel que gira sobre o mesmo.
- DUQUE - É sempre o mesmo.
- DONATA - Sabes o que é o inferno? Uma eterna repetição sem esperança. Não tem sentido.
- DUQUE - A senhora se engana. O sentido é que o sonho da senhora se converta no meu sonho e o meu sonho no da senhora.
- DONATA - Deus Nesse Senhor nos livre!
- DUQUE - Não, não; simplesmente o que você sonha seria um pouco menos seu, enquanto que o que eu sonho, seria completamente seu. VOCÊ vê? Na realidade estou lhe oferecendo um paraíso... seu paraíso. Eu sairia perdendo.
- DONATA - Que ganharias com perder?
- DUQUE - Conhecer o sentido do que sonho, se meu sonho passa a fazer parte do seu sonho. Vale a pena, não acha?
- DONATA - Queres encerrar-me em teus sonhos. Eu sonharei sempre e mesmo e tu poderás sonhar coisas distintas cada noite. Me nego. (Pausa)
- DONATA - Deixe ver. Repita.
- DUQUE - O que?
- DONATA - Isso que disse sonhar todas as noites.
- DUQUE - É a história de um escultor.
- DONATA - Que te falou? Levou cinco dias repetindo o mesmo.
- DUQUE - O obrigou a olhar-se num espelho.
- DONATA - Já se aborreceu. É teu dever é divertir-me.
- DUQUE - Ihe demonstram que é de carne e osso.
- DONATA - Estás certo de que desta vez meu marido não escreveu?
- DUQUE - Destroí as estátuas.
- DONATA - Antes, sempre mandava recados...
- DUQUE - Abandona para sempre sua casa...
- DONATA - E então?
- DUQUE - Nada mais. Fogo. Nunca mais se soube dele nada.
- DONATA - Quando eu sonhei era muito mais divertido.
- DUQUE - Você senhora Donata?
- DONATA - Se sonho algo distinto cada noite, uma vez teria que sonhar teu maldito sonho das estátuas.
- DUQUE - E o que acentua?
- DONATA - Não te direi. Fique com a curiosidade.

Silêncio total. Duque se detém rigidamente. Um envelope de papel sendo posto por baixo da porta. Mímica de Duque e Donata, um procurando e o outro, evitando-a. Donata inquirir em silêncio. Nunca se dirigem um olhar. Duque vai até a casa.

- DONATA - Não tem escrito meu marido?
- DUQUE - Não. Você sabe que quando sai em viagens de negócios, nunca escrevo.
- DONATA - (Desanimada) - Quando estava na Guerra, então sim... me escrevia todos os dias sem falta. (Pausa) - Então precisava escrever-me. Eram cartas muito formais. Eu Nelson se entregava totalmente. Claro, porque necessitava tudo. Me mandava /



DONATA - (Desanimada) - Quando estava na Guerra, então sim... me escrevia todos os dias, sem falha. (Pausa) - Então precisava escrever-me. Era cartas muito formosas. Na elas se entregava totalmente. Claro, porque necessitava tudo. No momento precisava todas as coisas.



Daque sopra o envelope sobre uma pilha de jornais, ao lado da cama.

DUQUE - Agora tudo está escrito. Não espere você mais cartas.

DONATA - (Fria) - Eu não. E você ?

Daque encolhe os ombros. Som de vespas.

DONATA - Feche as janelas !

DUQUE - A senhora sente frio ?

DONATA - Não. É o zumbido destas abelhas no jardim. Me deixa nervosa.

Daque se dirige ao proscênio. Fareja na direção ao público.

DONATA - É a primavera negra.

DUQUE - (Farejando) - Me pareceu sentir algo.

DONATA - Verdade ? Algo novo ?

DUQUE - Não. Perdeu-me. É o mesmo cheiro de sempre .

DONATA - De sempre ? Se diz depressa. Desde quando sempre ?

DUQUE - Ou sempre desde quando ?

DONATA - Quando sempre ?

DUQUE - Sempre não admite quando.

DONATA - Que ?

DUQUE - Se há quando, deixa de haver sempre. Temos que escolher.

DONATA - Sempre e quando.

DUQUE - Fazem seis dias que seu marido se foi.

DONATA - Faça bem as contas. Se foi há cinco dias. É importante que não te enganes.

DUQUE - Lhe asseguro que fazem seis dias que o senhor partiu. Tenho marcado as datas no meu calendário.

DONATA - Como um preço, não é ?

DUQUE - Se estou aqui é porque gosto. Sei o essencial que é marcar o tempo e lhe asseguro que não me engano.

DONATA - Pois eu recorde somente cinco dias exatos e a intuição feminina nunca falha. Vais me dizer que possa esquecer em cento e trinta e quatro horas a última vez que beijei meu marido e senti o aroma de lavanda em sua pele e dançamos juntos um tango nesta sala ? (Pausa) - E tu não espiando lá cozinha, hem ? Não negues, seu invajoso...

DUQUE - Lhe asseguro que sou uma testemunha involuntária...

DONATA - Involuntária ?

DUQUE - O lugar é muito estreito e os ruídos transpõem as paredes. Deves admitir que se despediu de seu marido de uma maneira particularmente estrondosa, como se seu propósito fosse que eu me desse conta ...

DONATA - E quando escutaste todos êsses ruídos de despedida ?

DUQUE - Realmente... Fazem cinco dias.



DONATA - Ah...

DUQUE - Porém sustento que o senhor se foi há seis dias.

DONATA - Tu o viste sair, sem dívida.

DUQUE - Você sabe que na cozinha sintonizaste ao que ouço.

DONATA - Ah... Ouvir sim, sabes... E que tal cheiros?

DUQUE - Senhora...

DONATA - Que cheiros te chegam do jardim?

DUQUE - Os mesmos de sempre. Fumaça de folhagem. Espóreas em cheiros. Neblina estancada. Se é que neblina se estanca e tem cheiro. Não sei. É um aroma inconfundível. De pelo úmido de um lobo. Isso é tujo.

Duque começa a reunir o serviço de chá.

DONATA - Te enganau, Duque. Se tivesses mais atenção, te daria conta que a pereira tem brotos. Quer dizer que a seiva está fluindo entre vos. Tudo se sente entexado a crescer novamente. Os galhos reverdecem. Lembras? As castanhas... (Pausa. Acomoda a pele sobre os ombros.) - Além de mais tem deixado de chover. Não pode levar um animal molhado nas redondezas. Isto já passou. Porém tu não prestas atenção.

Duque avança até a mesinha do sofá.

DUQUE - Meu dever não é contar o que acontece lá fora.

DONATA - E então? Que será?

DUQUE - A senhora faz mal em ofender. Cada um cumpre sua parte do trato. Faça mais.

DONATA - Te repito que teu dever é prestar uma atenção minuciosa ao que sucede dentro, / fora, ou uma e ou ambas. Para isto te pagamos. Te damos quinhentos francos, tu te e ocultas em troca de uma só coisa: tua absoluta atenção.

DUQUE - A senhora interpreta as regras a seu modo. A senhora sabe que minha obrigação é cuidar-la, impedir, assegurar... Enfim... Não há razão para abdicar dos herárcios estabelecidos e dos costumes já conhecidos...

DONATA - Isto já me disseste. Isso mesmo já me disseste esta manhã, quando me dei conta de que a primavera já nos envolvia totalmente. A vida deve seguir seu curso normal. Repita.

Duque faz a mímica dos atos que anuncia enquanto Donata tararea e dança uma valsa)

DUQUE - Deve despertar a senhora às oito. Desjejua às oito e meia. Trabalhe até o meio-dia. Música das sete a uma. Em seguida, almoço. Café na varanda. Uma ligeira sesta. Mas trabalhe à tarde. Chá às cinco.

DONATA - E a carta chega a mesma hora.

DUQUE - Conversação até as seis.

DONATA - Permanecer somente num lugar...

DUQUE - Das seis às oito, fica livre e a senhora pode refletir...

DONATA - Ou ser uma eterna peregrina...

DUQUE - As oito, volte. Ceia às nove e logo depois, para a cama.

DONATA - (Aplaudindo) - Perfeito. Perfeito, Duque. Me enches de admiração. Te digo que és um empregado ideal.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DUQUE - A gente se adapta às mudanças do tempo; porque as mudanças de estações não se adaptam à gente.

DONATA - Não tinhas por que ceder... e... novidade contigo...

DUQUE - A senhora me distingue igualmente com seu silêncio ou com sua expressão? ou com seu olhar?

DONATA - Me parece uma estupidez guardar-me o que sabia.

DUQUE - Que gozar a não esse perfume de brotos novos e terra revolvida pelas sementes prestíguas.

DONATA - Então é certo. É certo!

DUQUE - Se queres acreditar, posso dizer-lhe que em poucos dias se dissiparão as neblinas, se apagarão os fogos, os lobos não buscarão aqui seu alimento e o ar do sul varrerá a folhagem úmida...

DONATA - És um companheiro bem simples. Seria fácil confundir-te. Poderia mudar a seu capricho os horários e impor os de verão em pleno mês de agosto e os de inverno em qualquer dia de janeiro...

DUQUE - A senhora faz de mim o que quer. Ela nomeia coisas de acordo com seus desejos. E os desejos da senhora são meus. Posso retirar o serviço de chá?

DONATA - Não. Deixe-me saborear e fundo.

DUQUE (se detém no círculo negro) - Posso sair ao jardim?

DONATA - De maneira nenhuma. Quando que nos vamos?

DUQUE - Ninguém pode nos ver. A noite está muito escura. Ninguém acreditaria que ôle se gressou. Me confundiria com esta árvore. Não se perca. (Duque pisca para o público e afasta os galhos) - Não se pode ver nada... Malditas amoras...

DONATA - Por que? Porquê uma linda grade e além do mais, muito segura.

DUQUE - A senhora ainda não se deu conta. Elas crescem demasiado.

DONATA - Arranque-as.

DUQUE - As raízes devem estender-se várias metros abaixo da terra.

DONATA - Corte-as.

DUQUE - Corte-las é cortar-se.

DONATA - Espere. Não ouves os gorgolios? Tom regressado? Não os ouves? Deves estar surdo, Duque... (Donata leva a mão aos ouvidos) - Fecha as janelas!

Duque fecha. Silêncio. Uma gota. Escuta um segundo) -

DONATA - Não ouves? Deve ser uma gota no teto. Que irregularidades são aqui.

DUQUE - A senhora permitirá que eu a corrija. Que desobediência somos.

DONATA - Insinuas?

DUQUE - É a verdade. Na casa, só ficamos eu e você.

DONATA - Não, o porteiro.

DUQUE - A senhora me autorizou a mandá-lo embora.

DONATA - Em?

DUQUE - Recordará que o porteiro era demasiado... corrupto.

DONATA - Bah. Um pequeno contrabando de vez em quando.

DUQUE - Lamento. O marido da senhora ficou sabendo. E a senhora, como prova de obediência e amor, deu ordens de que se despedisse o porteiro. E somente cuspi.





DONATA - Nesse caso, o jardineiro é responsável.

DUQUE - De que senhora ?

DONATA - Deveria cuidar, não sei, do aspecto exterior da casa, não somente as paredes e os telhados e a cerca. Não contamos com tanta gente ? bem poderia ter a obrigação de revisar os tetos. Em março vêm as tormentas e poderemos amanhecer na intempérie. Mandê-o se apressar... ôle é um folgadão.

DUQUE - A senhora deverá recordar que durante a tempestade de outubro, disse exatamente as mesmas palavras. O jardineiro foi despedido então.

DONATA - O jardineiro fez ?... Nesse jardineiro ?... Como queres que eu me lembre de tudo ?

DUQUE - Para isto estou aqui. Para ocupar-me da senhora. Inclusive da sua memória.

DONATA - Esquecem que fomos nós que nos recordamos de ti. Quando todos haviam se esquecido de ti, nos lembramos e te trouxemos para esta casa. Nós fizemos algo de ti. Não esqueças, quando falas de má memória.

DUQUE - Sua conversa é muito agradável, porém eu tenho minhas obrigações.

DONATA - Não... espera... Onde estás ?... Duque...

DUQUE - Devo preparar as coisas para a coia.

DONATA - Onde aprendeste a cozinhar tão bem ?

DUQUE - Em meu país. A senhora diz que sou um campeão. Sua intenção não é elogiosa. Porém graças a ôle - a senhora me perderá o lugar comum - estou mais perto de algumas coisas fundamentais que nessa ... civilização... tende a esquecer.

DONATA - Beber bem, eh ?

DUQUE - Comer, se a preferes. O que se é que sou recordado por minhas habilidades na cozinha, por haver inventado certos pratos e por haver introduzido certas plantas.

DONATA - Poderias suplantar o jardineiro.

DUQUE - Poderia, sim. Porém hoje minhas obrigações são outras.

DONATA - Creio que hoje não coarei. Love-me de uma vez para a cama.

DUQUE - Tenho que arrusá-la.

DONATA - QUE aconteceu ? Por que não está pronta ?

DUQUE - Amanheceu coberta de terra.

DONATA - Minha linda cama ? Coberta de ... ?

DUQUE - Assim é.

DONATA - Minha linda cama com quatro postes e respaldos de marqueteria ?

DUQUE - Exatamente.

DONATA - Minha real cama comprada em La Samaritaine ?

DUQUE - Basta sacudi-la um pouco.

DONATA - Meu virginal leite de bodas ?

Duque se ocupa em lavar pratos, lavá-los, etc.

DONATA - Esta noite, tampouco pude dormir, Duque.

DUQUE - A senhora terá que se acostumar.

DONATA - Sabes o que senti ?

DUQUE - Que o teto descia lentamente até sufocá-la...

DONATA - (enquanto Duque tira do armário um lobo e o arrasta ao centro) - Não, isto foi anteontem. Esta noite senti que a cama não tinha a mesma temperatura que o resto da casa. (Duque toma uma faca e começa a desstripar o lobo). Me entendes? A cama era mais fria ou mais quente, não sei...

DUQUE - Um lobo pensou o dia deitado na cama. É natural. A senhora lembrava que ontem à noite, ao morrer de frio e me pediu que esquentasse a cama. O lobo saiu para a horta e encontrou a solução. Não escutou você os uivos? Além do mais, eu estava muito próxima da janela. Estava colada ao vento. É a nudez do lugar.

DONATA - Não basta. Faça o que faça, não pederei dormir. Antes, graças ao álcool, sonha
vã com os anjos. Tenha compaixão. Consi-ga-me mesmo que seja um seccanal.

DUQUE - O seccanal tampouco a ajudará e então o organismo reclamará com mais força e álcool e como o álcool tampouco lhe ajudará, você pedirá mais outro seccanal. A senhora se destrói a si mesma em círculos. O vício é a corrupção do desejo da senhora.

DONATA - Falso. O vício é fazer o que não se deseja. E eu desejo dormir. E eu desejo beber.

DUQUE - A senhora não ignora que seu marido deixou ordens escritas. Nenhuma excessão.

DONATA - É que deixar de beber é um excessão! Leve-me ao tocador. Logo. Sente-me frente ao espelho.

DUQUE - A senhora sabe perfeitamente...

DONATA - Não, não sei nada. Leve-me, ou te ordeno. (Relógio bate seis vezes)
Sabes? Creio que tenho estado me enganando. Creio que posso repeti-lo.

DUQUE - Se em algo posso servi-la...

DONATA - Mantenha-te ali, a meu serviço. (Duque inclina a cabeça)- Alcançe-me os píncos.
(Duque o faz imaginariamente)- Obrigada. (Donata pinta a sobrancelha)- Deixe ver...
Deixe ver... Tanto tempo... Diga-me se está bem e arco...

DUQUE - Posso imaginá-lo perfeitamente.

DONATA - É Duque...

DUQUE - Sim?

DONATA - Diga-me que côr de lábios prefere?

DUQUE - Não consigo distinguir daqui.

DONATA - De memória, de memória...

DUQUE -

DONATA - Venha. esfregue-me os braços e as costas.

DUQUE - As ordens da senhora são os meus desejos. (acaricia os ombros)

DONATA - Duque, vou descer novamente por essa grande escada. Os vãos da saia vão se agitar com um pequeno impulso de minha mão escondida entre as pregas. Meu rosto aparecerá e desaparecerá por detrás do jogo do leque. A escada será larguíssima e as mylheres teremos reconquistado todos nossos direitos: ocultar-nos, para sermos / vistas, oferecer-nos para negar-nos, sonhar-mas para ser-mas sonhadas... Os vãos e as cores, as luvas e as plumas; os tafetás e o arminho; a roupa interior tralhalhada, guaze, de renda e lacinho. A bola música e as paxelhas dançarão em quadrilha sobre a pista de xadrez. Tudo girará velozmente. Porém quando eu aparecer do alto da escada, o mundo se detém. - Sou vista, Duque! Sou vista!

(Escuta-se uma valsa vienense. Há o corimontal da dança e os deis dançun)

DONATA - Sou admirada. Sou a bolosa que todos se detém a olhar. A esperada. A desesperada. Minha aparição é tão brilhante que alguns acreditam ver a loucura em meus olhos. Minha presença é tão imprevista que alguns dizem recordar seu anúncio. Minha revelação é tão inescrutável que alguns asseguram que não estive ali. Foi a minha chegada, em meio a fanfarras, rufos de tambores e arcos triunfais. Pisei a terra es-

tranha para fazê-la minha e até meus inimigos gritarem vivas e oheraram. Tu fuf e nãe
ria e o presentimento do todos, sômente esta vez. (A valsa começa a fundir-se com sons
defeituosos) - Dê-me a mão. Tu serás meu rei e meu servo esta noite. Anotarei seu nome
das vezes em meu caderninho. Te prometo tôdas as valsas.

O barro de um lobo ferido. Donata (~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~) e Duque tropeçam contra
a cadeira. Donata arqueja. Duque tosse.

DONATA - Foi um tempo esplêndido o enervante, como toda mudança de estação e país. O
castelo então, parecia uma cachoeira de metal. Hoje recordo-o petrificado e
geométrico. Demasiado lógico para ser admirado. Demasiado razoável para ser um
convicente.

DUQUE - A senhora sabe que a ordem anuncia o horror.

DONATA - A senhora sômente sabe que nesta noite foi admirada por todos.

DUQUE - Existem mulheres que são admiradas em público e outras que sômente merecem seu
prêmio privadamente.

DONATA - Eu tive as duas recompensas. Esse foi o meu excesso. Agora penha-te de pé. Ag
rue e meu leito.

DUQUE - Me atreveria a argumentar que o prêmio é o castigo. A senhora em outras circun
tâncias teria terminado em um trágico esplendor. Como estão as coisas, sômente
lhe fica a sensualidade da nostalgia.

DONATA - Não, Duque, Me venceram a segurança e a euforia. Não é muito. Se esta noite me
sentisse insegura, dançava com todos os homens que estavam ali. Me dei ao li
xo de escolher sômente um. O primeiro que vi. Escolhido pelo azar. Porque era
ele que mais se parecia com o que eu buscava. Careci de malícia. Não duvidei.
Não imaginei. Acreditei que o prazer era idêntico ao destino. A história se im
burleu de mim e demonstrou que quando se crê que o prazer iguala ao destino
o preço do prazer é a loucura. E a loucura é o destino sem destino.

DUQUE - Tens que recordar.

DONATA - Não. Já sabes que não posso. Per mais que procure, por mais que...

DUQUE - Temes que saber o que aconteceu, para que não se repita...

DONATA - (Se arrasta, abrindo os braços até DUQUE) - Te digo que não posso. Sômente
te digo que ôle era idêntico ao palácio, à luz, à música, à mim, à minha ju
ventude, à minha beleza, a meu vestido... à minha segurança.

DUQUE - A senhora é pródigo em associações.

DONATA - Tão pródigo como tu és tacanho. Não poderás me levantar sem algo que me reconi
me.

DUQUE - A senhora está bêbada de recordações incompletas. Se queres, encoste-se um pou
co e durma.

DONATA - Para que? Já estou encostada.

DUQUE - Na cama. O chão é frio.

DONATA - E a noite interminável, e a memória fugidia, e tua curiosidade grosseira.

DUQUE - Repete-lhe que renuncias a continuar a história.

DONATA - Sim, porque queres que te peça para iniciares a tua.

DUQUE - Em vez de fabricar paradoxos duvidosos, seria melhor pensar em seu reumatismo.

DONATA - Tens razão. És o pretendente ideal para a velhice.

DUQUE - Para propozer-te para a velhice. Não seja tão pessimista ou tão precipitada.

DONATA - Me coêta bela ainda?





- DUQUE - Para preparar-se para a velhice. Não seja tão pessimista ou tão precipitado.
- DONATA - Me achas bela ainda ?
- DUQUE - Não a conheci... antes. Não possui um pente de comparação.
- DONATA - Não lhe parece bonita ? Não te agrada a minha voz ? Levo-me até a cadeira. Depois acho o meu trabalho. Passarai a noite em claro, trabalhando. Minhas mãos são melhor companhia que tu. Trabalharei e pensarei. Pensar, se me permites, não ? Pense numa cope de vinho. Pense que me embobede. Pense que sou livre.
- DUQUE - A senhora somente pensa que pensa. Na realidade a senhora é pensada.
- DONATA - Falo.
- DUQUE - A senhora é falada.
- DONATA - De onde tiraste essas bobagens ?
- DUQUE - Assim. Eu as conheci.
- DONATA - Pois te digo que somente és senhada. Obedeça. Encontre meu trabalho. Deve terminar antes que meu marido regresso. (Duque procura) - Pronto. Posso pensar / livremente que tu te foi. Pense que saio ao campo que nos rodeia... a primavera que tem chegada antes de tempo... tu te vais e a luz chega...
- DUQUE - A senhora sente a fascinação do vazio.
- DONATA - Silêncio ! Tu regressas e a luz se vai... Por que demônios, esta obscuridade ? Basta de jogos. Te ordeno que acendas as luzes.
- DUQUE - A senhora esquece que a corrente está cortada.
- DONATA - Pode-se saber o motivo ?
- DUQUE - Simplesmente por falta de pagamento. O representante da companhia de luz parou seu por aqui esta manhã e advertiu-me.
- DONATA - O que ? Falou contigo ?
- DUQUE - Não. Introduziu uma mensagem por debaixo da porta.
- DONATA - Então. Não era a carta que esperavas ?
- DUQUE - A senhora supõe que eu espere uma carta. Não é certo. A senhora senhou.
- DONATA - E esses envelopes que passam pela fresta todos os dias às cinco da tarde ? Achas que não ouço isto ?
- DUQUE - São mais avisos. Nos cortam a água. O leiteiro avisa que não mais depositará leite no umbral. O espingueiro quer que o paguemos.
- DONATA - Por que ? Meu marido não deixou dinheiro ?
- DUQUE - Seu marido está no Cassino de Deauville. Por algo será.
- DONATA - O que é que me servirás para comer ?
- DUQUE - Senhora, seja discreta. É mulher não averiguar.
- DONATA - Por que nos tratam como criminosas ? Por que eles não têm confiança em nós ? Todos sabem que meu marido é um homem honrado, que tem trabalhado a vida toda para que nada nos falte. Sempre temos pago antes... (pausa) - E agora basta um pequeno atraso para que nos tratem como ...
- DUQUE - Criminosas. Sim, a senhora já o disse.
- DONATA - E tu não protestou ? Não lhes explicou que quando meu marido regressar o domingo ele os pagará devidamente ? Que esperas ? Que capote minhas jóias ? Não és capaz de protestar pelas suas grocerias ? Para que estás aqui ? Bem. As vezes penso que não estás aqui, que fale cozinha.
- Soam sete apitos de sirene de nobreza.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DUQUE - Senhora, são soto heras.

DONATA - A hora de aperitivo.

DUQUE - Seu esposo deixou claramente estabelecido que das seis às oito tenho de retirar-me. Já esteu uma hora atrasado...

DONATA - Te digo que é um grande momento para um copinho. Não te fagas de interessante.

DUQUE - Você sabe que não há álcool na casa.

DONATA - E o vinho que tens escondido, oh? (pausa) Tacanhe miserável.

DUQUE - A senhora disse a última palavra. (Se dirige para a janela proscênio) Boa tarde!

DONATA - Duque... Duque, não te vás. Ocupa-me. Se tens uma hora livre, que há de mais? Podemos tomar um copinho juntos, não? Como se eu fôsse uma amiga, ou uma desconhecida, dá-me mesmo. Está fora das tuas horas de serviço. "DAI DE BEBER AO SE DENTO". Veja no livro. Duque... Sim?

DUQUE - A senhora tem tido prazeres de sobra em sua vida. Agora deve guardar compostura. Por respeito a si mesma e aos demais.

DONATA - Está bem, não me convides a nada. Tua consciência se encarregará de reprever-lo. Porém, fique aqui. Além de mais, onde irás a uma hora destas?

DUQUE - Trate de lembrar que há uma vida fora destas quatro paredes.

DONATA - Quer dizer que recorrerás a uma empregadinha à saída do armazém? Que a levas ao cinema? Que depois te deitas com ela?

DUQUE - Senhora...

DONATA - Que filmes tens visto ultimamente, laocio? É uma lástima que os museus estejam fechados a esta hora. Porém há tantas outras coisas para ver, não é? Poder-te sentar num café e ver os jovens passarem e invejá-los, não é? Como invejava a mim e a meu marido quando fazíamos amor... (Duque se safá).- Já está a diferença. Tu não tens testemunhas quando te deitas com alguém. Te consensas velado, ao sento, com uma desconhecida em um quartinho de vagonetas de Montparnasse, não e negues... dando amor a uma mulher indiferente a ti, que tens que pagar para que te queira.

DUQUE - Trabalhe para viver.

DONATA - Alguns vez você seduziu uma mulher, cunco, alguma vez tens tido que um ciumento chegue e te surpreenda, como nos velhos vaudevilles, hem?

DUQUE - Não espere recompensa.

DONATA - Alguém tem te querido pela tua bela cara? Alguns vez, hem? Alguém tem te querido apesar de teu cheiro de casinha, apesar dessas suores que delatam tua baixa ocupação, sempre a serviço dos demais?

DUQUE - Quisera dividir-me em três para atender a senhora como e merces.

DONATA - Como é que atendes a tua empregadinha? Com o que dexas nos domingos.

DUQUE - A senhorita Marina tem nome.

DONATA - Não me importa seu nome. Não importa saber se cuidas dela e a vigias como a mim... com a mesma atenção?

DUQUE - A senhorita Marina sabe cuidar de si...

DONATA - E tu não, não é verdade? Tu não poderias dar um passe sem ti...

DUQUE - A convivência é mútua. A senhora me necessita e eu necessito da senhora.

DONATA - Adulador! Tu necessitas quinhentes francos, tete e comida...

DUQUE -



DUQUE - A senhora não tem per que rebaixar a dignidade de um trabalho honrado. A hierarquia já é insulto suficiente.

DONATA - A hierarquia ?

DUQUE - A solidariedade traída.

DONATA - És tu que atraíças todas as palavras que pronuncias. Veja que falar de trabalho tu és um passivo. Não estás aqui para fazer alguma coisa, senão para impedir / alge. Tu és a proibição igual à obscuridade, igual à morte. Nunca dizes sim a nada, tudo é não, não, não...

DUQUE - A senhora se equivooca e contradiz. Neste mundo tudo é afirmação. Dizer não é dizer sim à negação que a senhora me atribuo.

DONATA - Não te atribuo nada. Te ouço. Te sinto.

DUQUE - Prefiro pensar que sou o sumo das atribuladas atribuições da senhora.

DONATA - Débil. Facilânimo. Não te atreves a existir por tua conta. Esteu segura que até nos braços da tua senherita Marina estás imaginando que cumpres nessas ordens, que até teu prazer, teu pecado, tua indecência, são desses desejos... És realmente um criado.

DUQUE - Creie simplesmente que a senhora e seu marido me reconhecerão algum dia.

DONATA - Reconhecer-te ? De que demônios estás falando ?

DUQUE - De demônio da similitude, senhora.

DONATA - Te atreves a dizer que sejas semelhantes ? Estamos juntos, nada mais. Encorajados aqui por necessidade. Isto não nos faz iguais. Não vá acreditar nisso, escravo. Donata salta sobre Duque e arranca sua jaqueta. O homem fica com camiseta, tal como um palhaço.

DONATA - Tu estás aqui para uma precisa passividade que qualquer entre servente poderia encarnar. Deixo ver. Te ordens que me sirvas um coque.

DUQUE - Esteu aqui para impedir que a senhora beba.

DONATA - "Esteu aqui para impedir..." Imbecil. A senhora nunca tem bebido. A senhora se embriagou. A senhora gosta de mamar, curar-se, colocar-se bem bonita, embriagar-se, arrumar-se, . A senhora adora embriagar-se.

DUQUE - Não espere recompensa.

DONATA - Hipócrita. Enquanto tu te embriegas às escondidas. Uma bobedeira vergonhosa, sem grandosa, sem fantasia, em silêncio, a sês...

DUQUE - Trabalho para viver.

DONATA - Não me interrompa, êrfãssinho. Te tiremos da rua. Te encontrámos atirado, morto de fome, entre dois automóveis, que por milagre não passaram por cima de ti. Havias foite uma cama de jornais em plena calçada. Ninguém se voltava para te olhar. Ninguém se recordava de ti. Inclusive nos chegaram notícias de tua morte. Porém meu marido decidiu te encontrar. Disse que eras um criado ideal, um dicionário de boas maneiras, um milagre, eu não sei, não te conheci antes, porém acredito na palavra de meu marido. Ele te trouxe para cá. Eras um vagabundo espantoso, desgraçado, sem sapatos, com um capete rasgado e chatos nos sevoos. (pausa). Porém, sóbrio. Deus meu ! Sempre sóbrio !

DUQUE - Trate de demonstrar minha gratidão para com os senhores. lhes sirvo com reconhecimento.



DONATA - Também podes admirar e estardoeçar desde a Torre Eiffel, ou ir ao espetáculo de som e luz. Duque, há tantas coisas dignas de serem vistas, que se as visesses todas, te estalariam os olhos como gomas fervidas. Ande, volte às coisas antigas onde te tiramos. Abandone-me. Veja coisas. E enquanto estiveres errando, chegará a carta e eu a abrirei, a lerei e não te contarei nada. Tu ficarás sem saber e que aconteceu. Terás perdido a única oportunidade. (pausa.) Ande. Que esperas? Saias à rua. Veja tudo e logo regresso para contar-me como é o mundo. Os olhos não mentem.

DUQUE - Ah, senhora. Que grave erro. Mentem todo o tempo. (Obscuridade total. Grito de Donata) - Eu diria que cada olhar pensou uma ameaça... que cada olhar é seu próprio perigo. Os olhos querem apropriar-se das coisas que vêm, mas ao fazê-lo, as deveras. Temos os olhos de Saturno, senhora. Cada olhar nos impede de recuperar e visto e ao mesmo tempo fica prisioneiro das imagens vistas, que capturam nesse olhar e nos impedem de recebê-lo. É perigoso ver, minha senhora. É muito perigoso. Nada é visto impunemente. Nada se deixa ver sem reubar-nos uma parte de nesse olhar. Os olhos se incendiam e um dia amanhecemos cegos. Não temos ni visto nada. E temos visto tudo. (Lento regresso da luz. Donata está acocorada dentro do círculo. Duque, assente.)

DONATA - Que escutas? (Pausa) - Responda. (Pausa) - Duque... (Pausa) Onde estás? Duque? Não boba sozinho. Não me humilhe. Não saia ao jardim. Não goses da primavera / nas minhas costas. (Pausa) - Duque, leia-me esta carta.

DUQUE - Se engana. O campo está nevado e a árvore sóca. Não há nenhuma carta.

DONATA - Saia deste canto. Sabes que não goste de coas.

DUQUE - Permite-me declarar que se trata de uma artimanha da senhora para se assegurar de minha presença. Você sabe perfeitamente que a esta hora tenho o direito de fazer o que quiser.

DONATA - Não pense mais. Me deem os ossos. Por que andas acreditando nos teus sonhos?

DUQUE - Porque sempre tem se cumprido.

DONATA - Sim, para o mal de todos. Leve-me até a cadeira. Tenho que continuar meu trabalho... Meu marido ficará furioso se regressa e eu não terminei... Encontre meu trabalho... Rápido. Obedeça-me... Não tenho tempo...

DONATA - Pense pensar no álcool, na primavera e em ti, mesmo que nenhuma destas três coisas existam...

DUQUE - Aqui... estou seguro! Sempre fecho com chaves! A fechadura foi forçada!

DONATA - Ainda não sei, cubra todo o meu desejo, ao passo assegurar que se renovarão os serviços de água potável e a distribuição de leite...

DUQUE - Os senhores me pagam. Eu cumpre. Os senhores não tem queixa de mim. Meu tempo e minha devoção pertencem aos senhores. Porém a gavota é minha. A gavota é minha.

DONATA - Eu te escute perfeitamente. Retira teu fétido hálito.

DUQUE - É que não é a primeira vez que sucede.

DONATA - Reclame a gerência. Pensa que é fácil nos enganar? Que provas tens de que um ladrão não se introduziu na casa enquanto você e eu?...

DUQUE - Por isso fecho com chave. É impossível romper a fechadura sem fazer ruído.

DONATA - Os ladrões saem e roubar de noite e na obscuridade. Ou quando não há ninguém.



- DONATA - Encontraste meu trabalho ? Para que serves ? Gritade ! Obedeça-me !
- DUQUE - Me inclinarei ante você , porém não tolerarei...
- DONATA - Oh, parecias um ratinho rançoso. Pensas que me interessa faltar-me com essas cartas que guardas em teus esconderijos ?
- DUQUE - Meça suas palavras. São sanduíchos de patê o caviar e uma garrafa de Richebourg São coisas que você não saberia apreciar e que a mim...
- DONATA - Mendige ! Por avarô, tu e teus merceide. Teus canapês são como selas de sapato enresacadas, tôses, e teu vinhe tem gosto de musgo e toia de aranha.
- DUQUE - Ah ! Então a senhora tem provado...
- DONATA - Por descuide. às vezes me desoriento e penso que o buffet está daquele lado. E basta ! Não posso ocupar-me das tuas misérias tôda a noite...
- DUQUE - A próxima vez que isto ocorrer, apresentarei minha demissão. Juro. Esses canapês e esse vinhe são como a minha própria possessão e se utilisá-los sem minha / permissão, a senhora me ofende gravemente.
- DONATA - Sim, sim, está bem. Agora vá para longe, longe, para um canto. Te condene ao tê dia e à desesperação, longe de mim.
- DUQUE - Não basta. Quando voltar, o senhor quererá saber se seu pão e seu vinhe estão / intactos. Ele os deixou sob minha custódia.
- DONATA - Então só há uma solução... Amanhã mesmo... não, esta noite... para que perder mais tempo... agora, sem falta... pegue estas pilhas de revistas velhas e jornais... coloque-as no meio da sala. (Pausa)- Não dirás que não sou generoso. Seu a ama, porém te oferece a metade da sala. Tu de um lado dos jornais, eu de outro lado. Faça e que quiser na tua parte da casa. Apreveite meu desinteresse. Reciba tuas cartas. Convide a senhorita Marina. Se quiserem deitarem-se e releem no chão. (Pausa) To digo com calma. Sem cólera. Ande.
- DUQUE - Seu marido vai se enojar. Você sabe que tem suas publicações em ordem. Você sabe que as consulta a cada momento para nos esmagar com sua sabedoria.
- DONATA - Quando foi que ocorreu o pânico na Bolsa ?
- DUQUE - Ficará furioso se mudar-mos o lugar de suas coleções .
- DONATA - Quando terminou a guerra ? Quando fusilaram o imperador ?
- DUQUE - Vai se confundir. Não saberá nada. E eu vou pagar pelos papéis rasgados... sua senhora : seu marido vai fazer responsáveis a nós dois...
- DONATA - Que paguem justos por pecadores.
- DUQUE - Me nego a cumprir suas ordens.
- DONATA - Está bem. Ficarei responsável.
- DUQUE - Sua palavra não me basta.
- DONATA - Atrevido. Queres que te assinie uma confissão ?
- DUQUE - Seria e indicado.
- DONATA - Acha que vou dar-te a culpa quando meu marido regressar ?
- DUQUE - É mulher precarver-se.
- DONATA - E como não saberei se tu não vais te valer de minha confissão como um cheque em branco para justificar ante meu marido todos os teus erros ? Por que não limpaste o jardim ? Senhor, a senhora não quis que me afastasse dela : aqui está a / prova. Te deitaste com a senhorita Marina, Duque ? Senhor, a senhora me ordenou

14
DE DIVERSAS
PÚBLICA
SANTO AMARIL
aqui está a confissão. Senhor, no acuse de haver obedecido à senhora, Senhor a senhora me obrigou a servir-lhe um cope, a senhora me embabou, a senhora me desnudou, a senhora me levou para a cama com ela e a senhora estava quente como uma raposa no cio, a senhora estava fria como o bafe de uma serpente, a senhora estava fecunda como uma cleóca, a senhora, a senhora, a senhora é culpada aqui está a prova. A senhora se fez responsável...

Donata fecha a raposa dentro de armário. Abre uma gaveta e pega os caramelos, e uma garrafa de vinho e uma balsa de caramelo..

DONATA - Ah, isto nunca mencionou e mesquinho.... Duque... Responda... Responde-me agora... Estás seguro de que estamos sôzinhos ? Duque... Diga-me que nada pode / penetrar em nossa casa... diga-me que está selada com chumbo... diga-me que / regressaste para sempre... Duque... estás aí não é verdade ? Não te aproveites de mim... Te parece justo ? Sim, sim, pedes jogar-me na cara e nemme... quis me aproveitar de ti... encerrar-te... porém és tu que me tens encarcerado o dia inteiro... todos os dias... deixa-me jogar... permite-me este momento alegre, meu amigo... quero ser tua carcereira somente por uns minutos... tu me vigias eternamente... porém, Duque... tu não conheces meu marido... ele é e homem / mais desconfiado de mundo... não acredita na bondade da gente... tu pensas que ele confia em ti ?

Duque, sinto nesta casa, um veneno de desconfiança... um arquejo insatisfeito... sinto perto de mim uma pele viscosa e uma pele úmida... digo, lobo, eu sei... porém, pede ser outra coisa... algo que ele deixou aqui para que me vigiasse a nós dois... não me atreveria a dizer-lhe na cara... necessitava uma porta para por noio dela, confessá-lo Tenho medo, Duque... tenho medo...

Pausa .

Estive a ponte de roubar tuas coisas... teu pão e teu vinho... me acuse... se-
bretude me acuse que não tive valor...quidá...outro dia...encontre outra alter-
nativa mais honrável...espere que tu me convides, sim, tá, espontaneamente...
que tu me ofereça... algo de beber...algo de comer...agora te confessa que /
temi...me senti vigiada, companheiro... temi que um lobo saltasse de um canto
negro da casa e me arrebatasse e caviar da boca... temi que uma serpente me /
cravasse as presas na garganta enquanto bebia... Duque, fiel servidor... vigi-
lante de minhas noites... espectre de meus dias...vou dar a volta na chave...
O faz. Abre o armário lentamente.

Podes sair... Não faça ruído... absolve-me...

DUQUE - A palidez da senhora, a tesura de sua cutis, devem ser o resultado de um clima úmido e frio. Os olhos da senhora são muito velados porém não conseguem dissimular sua tristeza, seu perigo sensual e sua dignidade maltratada... Perdão e dano é reparável . A senhora é ligeiramente antiquada, porém dadas as circunstâncias seu esforço por se ajoitar é elogiável. O que a senhora decide aplicar já passou de moda, porém o que abandona ao azar do tempo não envelhece. Curiosa senhora, muito curiosa.

DONATA - Abaixa as patas, criado !

DUQUE - A senhora falta com a verdade. Minhas mãos são pedregosas... porém tornas. A se

20
DONATA - O espelho não me faz falta...

DUQUE - Forém as imagens agora se invertem, e espelho olha para a senhora e a senhora não pode olhar-se no espelho.

DONATA - Eu tenho você.

DUQUE - A senhora sou e espelho, "o inútil, carcoo de identidade que lhe presta um obje-
to vivo, finalmente idênticas as que representa. (Pausa)- O espelho deixou de
ser o anúncio da senhora. A senhora se converteu no presságio do espelho.

(Donata se safa violentamente de Duque, recolhe o bastão branco, e levanta e /
bate contra as costas de Duque. Duque deixa cair a pedra ágata com um gemido.
Por fim Duque toma com as mãos a ponta do bastão. aperta-o contra as mãos;)

DUQUE - Fazem seis dias que o marido da senhora se foi. Fazem seis dias que sacrifico
meu direito de sair das seis às oito. Fazem seis dias que não vejo a senherita
Marina. Minha paciência tem limites. Eu aviso a senhora que amanhã sairei du-
rante todo o dia. No sétimo dia, todos temos direito ao descanso. Soprétude os
criados.

(Donata solta o bastão, se deixa cair suavemente no chão.

DONATA - Não me fale assim... Não me trates assim...

(Duque caminha até a cômoda. Tira a garrafa de vinho. Volta a Donata.

-Trate-me como tratas a senherita Marina... você me machuca...

(Duque lhe o ferece a garrafa de vinho. Donata treme, a leva aos lábios, bebe
de maneira grosseira e vital. Deixa a garrafa ofegante. Limpa os lábios com as
mãos.)

Fecha as cortinas. Podem nos ver.

Fim musical. Duque caminha até o prescônio, toma o pane e e vai fechando. Ao
mesmo tempo, arrenca a barba postiça. Desaparece por detrás do pane.

FIN DO 1º ATO.



II^o ATTO

Donata com seu cobertor jogado sobre os ombros, abre o pano.

DONATA - Estages em fins de janeiro. O tempo tem enganado a Natureza. O inverno tem se disfarçado de primavera, porém somente por uma semana ou quinze dias. Logo chega o verão e frio a cumprir seu ciclo e será necessário queimar as sementes, destruturas e cortar os galhos e pulverizar tudo com inseticida. Porém Vênus não se detém. Percorre o Universo em um só dia... todos os dias. Estrela da aurora e estrela do crepúsculo... Preciosa gêmea de si mesma...

(No cenário, jornais rasgados pelo chão. Duque coberto com um cobertor, dorme. Garrafas vazias, pratos de comida.)

DUQUE - Donata... Donata?... Estás aí?

DONATA - Sim.

DUQUE - Pensei... Pensei que havia aproveitade meu senho.

DONATA - Sim. Quando disse que regressava?

DUQUE - Em uma semana. Hoje.

DONATA - Se foi fazem seis dias.

DUQUE - Sete. Não sigas te enganando.

DONATA - Quere ganhar um dia. Um só. É pedir muito?

DUQUE - Não há tempo. Já chegou o domingo. Devemos seguir como sempre. Tenha que preparar-te o desjejum e a cama.

DONATA - Sim, faça-o. Depois poderemos dormir juntas toda a manhã.

(Duque reúne os jornais rasgados e lhes prende fogo.)

DUQUE - Devemos arrumar a casa. Ele não deve notar nada.

DONATA - Não tem direito. Saiu e nos abandonou neste monte de estêrco. Acha que vai achar tudo igual... que somente ele pode se divertir no mundo... condenar-nos a esta solidão eterna... e encontrar sua casa igual quando voltar. Não quero.

(Pausa) - Jamais devia ter aceite. Devíamos seguir vivendo num apartamento moderno e confortável.

DUQUE - Por que o seguiu a este destêrre?

DONATA - Me prometeu que aqui começáreis tudo de novo. Outra vez. Essa é sua promessa. Sua única promessa. Que tudo pode recomeçar.

DUQUE - Acreditaste nele... outra vez?

DONATA - Que fazes em dia de festa? (Pausa) - Tens pensado em uma diversão para amanhã para o domingo?

DUQUE - Hoje é domingo.

DONATA - Amanhã. Meu marido fazia amor comigo aos domingos... O resto da semana trabalhava... atividade, prestígio, relações públicas, e bem a seus semelhantes, mandamentos, castigos... os domingos não... me dizia que meus seios eram como pequenos limões; depois punha um tango no toca-discos... dizia que é importante amar com música de fundo... eu me recordava de um carressol... quando as meninas me viam dar voltas no cavalinho de madeira... espiando minhas coxas... meu marido era disciplinado e ambicioso... somente aos domingos... tudo a presença... Depois saíamos para ver as louças de Samaritaine... a lavadora automática e refrigerador, a batadeira, e rádio, uma cama de borracha para as férias...

Primeiro o Fiat, depois o Mercedes... um stêreo, música de fundo... Ele gostava...
tivemos tudo e que desejávamos... você? tudo... não que ele deixasse de escrever mi-
sica e por isso voltamos para cá... Ele disse que a música vai de novo...
que por isso voltamos... que eu nunca poderei ocultar e que ele esc...
que ele vê... (Pausa) - Foi ao banheiro... à releta... poderia escrever nas infor-
mações de gênero... se poderia... alguma novidade... alguma mensagem.

DURÃO - Talvez tudo seja um grande engano.

ROSELA - A princípio, quis crer que essas cartas que chegam todos os dias eram para mim.
Sou uma pobre iludida. Quis crer que ele voltaria a escrever-me... cartas como
as que me escrevia de frente...

DURÃO - Talvez ele esteja esperando que não escrevamos... que nós lhe contemos e que tem
as passadas na sua ausência...

(Bate pé nas coisas do fego, apagando-o.)

DURÃO - Não se preocupar. Deixe-se servir-te como de costume.

ROSELA - É teu dia de descanso... discesses então... no momento de deixar-me só todo o
dia... e além de mais te esperem.

DURÃO - Alguém na cozinha. Quando teu marido me encontrou... na rua... não o reconheci.
Ele e via há muito tempo. Porém a ti te reconheci, sed tô-la visto antes. Naquela
tarde, fui ver a senhorita Marina, que havia sido boa para comigo, quando me
necessitava estar perto de alguém. Ela disse que ia aceitar o cargo de chefe e
coordenadora da cozinha, não por gratidão ao marido, mas por amor à cozinha...
É que apenas tequei e acabei a cozinha... a ti... experimentei um daqueles
comida frito que é bom. Não poderia explicá-lo. Meu marido se bucou, me encontrou,
me tirou da cozinha. Todavia se chegar a... esta casa... senti... compaixão.
Não gratidão... Não amor. Não indiferença. Sem te usa infinita piedade. Pie-
dade pela que se apiedava de mim.

ROSELA - Não, não era piedade, era...

DURÃO - Por favor, não ou disse a senhorita Marina: "Te agradeço que me tenhas ajudado.
Não quero parecer desagradecido. Porém a cozinha vai necessitar-me todo o tempo.
Não farei um momento livre."

ROSELA - É de vezes que tens te despedido e eu tenho ouvido que a porta se fechava atrás
de ti?

DURÃO - Não que eu... Gostava de ir a porta... a abrir e a fechar... Parvencio não
vai mais há... te ajudando... desde este tempo.

ROSELA - Como? Não me contou sobre tua esposa. Há outras? Não sou como sterno, e das
vezes, não tens outras.

DURÃO - Ela disse a senhorita Marina: "É um grande abanico no mundo. Como se todos os
adornos se logo foram. Como se não nos... no porto e ôdio e o resto
de fazer esse estado. Como se o chão de nossas pais fôr o um vazio e o útero
de nossa mãe um chão. Como se quiséssemos construir tudo antes de nos des-
pedir... de nos... a uma pessoa e a um compromisso, completamente,
resolvidos... como seria a vida. Seja sem nossa profissão... ocupação in-
telectualmente de outro... não tem mais tempo para mais nada... de trabalho,
de trabalhar, de pensar, de agir, de sentir, de sofrer... Já não temos



môdo nem do necess paió, nem do meu mocoso, nem dos demais." Em diabo a minha
asiga...

DONATA - Tu te encorregas do aia, na medida das tuas forças.

BURQUE - Não pense que sou desagradecido. Deixarei de te ver. Porém não porque a tua
concentrada extra pessoa que se fará responsável por mim, senão porque tenho
concentrado um pouco de graça e quero fazer responsável.

DONATA - Ela não o sabe. Ela não se deixaria humilhar.

BURQUE - Ela não se pediu. É uma decisão minha. Não sei se faço a tristeza dela.

DONATA - Ela não costuma culpado-se ou pedir que se culpado. Hada a rapugna /
naio.

BURQUE - Creio que a comarita Marina obrou. Não sei se se entendeu muito bem.

DONATA - A pessoa abandonada não pode entender. Mesmo que o motivo de meu abandono /
seja que extra pessoa esteja ainda mais só.

BURQUE - Sua vida é triste. Não é uma caprogadinha modesta como tu dizes. Deixa /
nos cinco. É horrível. Se aborrece muito. Ija pinça nos pés. Ija de gorgo-
jetas micróscopas. As salas são mal ventiladas. Tem que ver centenas de vengas
a mesma fita. É uma prisãoeira da ocuidade.

DONATA - É tu vieste a cuidar de quem te desenhoeia.

BURQUE - S im. Pediria cuidar-te melhor, entretante se ignorava.

DONATA - É tu...

BURQUE - Eu creio nos que não creem em nada. O nada está convocando a presença de quem
se desoja. Nos únicos encontros têm sido com os que não se buscam.

DONATA - Piedade, disoceto, não necessidade.

BURQUE - Sim ; óimo piedade. Piedade.

DONATA - Entretanto, eu não confiava em ti.

BURQUE - Sim.

DONATA - E agora ?

BURQUE - Não desoja é comum.

DONATA - Eu tenho minha recordação, meu baile, meu encontro, meus...

BURQUE - Agora estamos juntos. A memória será um proscênio.

DONATA - Eu donoi pela escada do na barco até o pátio de na palacete junto ao oceano.
Havia um esplendor exuberante no ar do Golfo de México. Todos voltaram
a verem.

BURQUE - Exa a relação.

DONATA - Ficarei a porta estranha. Era distinta.

BURQUE - O diferente sempre vence. Mesmo que seja por pouco tempo.

DONATA - Nos esperavam. A memória nos anunciava. A melhor estranheira guiar o o homem
barulho.

BURQUE - Não basta receber nome sempre. Temos que saber como tornamos.

DONATA - Talvez venha nos juncio.

BURQUE - Segue-se. Recorre tudo que se refira ao caso.

DONATA - Babilônia : origem da caída de Império...

BURQUE - Não, não.

DONATA - Segue de Babilônia : sobre a tristeza das árvores seculares.

BURQUE - Isso não. Procure bem, siga adiante...

DONATA - Ação de ocasião. Turista lebre procura sócia local que conheça língua e cas-



DONATA - Avise de ocasião. Turista leire procura meça local que conheça língua e costu-
mes locais para guiá-le... Atividade financeira : o debrã espanhol vale três
côcos, e schilling austríaco se estabilizou em dese gramas de pólvora. Paridade
do dólar : uma libra de carne... Meta vermelha : ducatos guerreiros fe-
ram sacrificados em cima da pirâmide... Necrologia : Querétaro, 9 de junho, /
Franco Prusse : Ontem, ao amanhecer, e poletã de fusilamento... Sociais e pes-
soais : os médicos, depois de exaustivas consultas, decidiram que a senhora es-
tá leuca e deve ser encerrada para sempre num castelo.... Soçãe de perguntas e
respostas : Por que não regressas ?

DUQUE - Isso... aí... paro... repita...

DONATA - Por que não regressas ? (Duque desce até a platôia)-

DUQUE - Agradeça minha solidão. Eu a comparto contigo.

DONATA - Não tens recebido as mensagens ? Não sabes que todas estão te esperando, que
todas desejam te ver ?

DUQUE - Por favor, creia em mim ; não podes mostrar-me pois deixarías de me ver.
Diversos sons, chocalhos, sirena, uivos, piano, etc...

DONATA - Não entendeste as mensagens ? Chegaram tão débóis os ruídos ? Se apagaram as
luzes ? Os envelopes ?

DUQUE - Abriste alguma ?

DONATA - Eu não. Porém tu disseste ontem que os tinha recebido todas as dias às cinco
da tarde, que tem tratado de me enganar e aberte às escondidas ou escontado os
ruídos repentinos que também são mensagens...

DUQUE - Que diziam as mensagens.?

DONATA - Avise oportuno. Regressa. Tudo perdido. Te necessitamos. Não pedemos orox que
estejas morto.

DUQUE - Se regressasse, deixarías de necessitar-me.

DONATA - Recordamos sòmente o bom que fizeste. Cada planta que nasce cresce, cada mesca-
ce que se fabrica, cada manta que se tece e cada pedra que se lapida são uma /
recordação agradável. São mensagens da terra.

DUQUE - Se voltasse, voltarias a condenar-me.

DONATA - Juras obedecer-te se regressares.

DUQUE - Não, não, sòmente se permanece distante. Na terra não o sabem, porém sòmente
escutam minhas palavras se sabem que são minhas.

DONATA - Inserção paga. Tememos esquecer-nos para sempre de ti e de que nos ensinaste...

DUQUE - Se regressasse diriam que não sou eu, veriam em mim um usurpador, um deble...

DONATA - Disseste que lhes deste a vida e eles te entostaram com a morte.

DUQUE - Eu era um homem e eles eram estátuas. Eu es amava com a vida. Eles sòmente pe-
dram amar-me com a morte. Não pude fazer estátuas idênticas a mim. Não quis /
fazê-las igual a mim ; tinha que haver existir uma diferença entre elas e eu...

DONATA - Convite de falecimento : Tinham que ser menos que tu.

DUQUE - Porém te jure que quero me fazer perdoar por êsse orgulho. Te jure que fofinco
roube, bebo, mate e me humilhe para perder a diferença. Geração de serpentes.
Sopulores caídas. Egoíco. Inveja. Orgulho. Estupidez. Cegueira. Quero ser como
cada um de vós.



- DUQUE - (Observa o público)- Atiram a primeira pedra ! (Mímica de apedrejamento)
- DONATA - Anúncio de última hora : Alguém regressará ao teu lugar !
- DUQUE - Sim, sim. Alguém que se pareça comigo e sefra em meu nome e descehiedamente, as injúrias e a morte que me darão se eu voltar... um e outro e outro mais regressarão a morrer em meu nome até que a necessidade de sangue se esgote e eles sejam iguais a mim como eu procure ser igual a eles...
- DONATA - Dissento que o legal do encontro será o lugar de origem.
- DUQUE - Um bosque de pólvora.
- DONATA - Uma pedra de água...
- DUQUE - As selvas de Vera Cruz, onde milhões de aves têm se sainhado em milhões de árvores, que têm sorrido com vor a luz de dia...
- DONATA - Um cemitério vegetal que cresce sobre seus próprios despejes...
- DUQUE - A selva escura, a selva seca, a selva infinitamente fértil e pedre que nos rodeia e supuração dos ledoaais, as feridas dos oipês, toda a gangrena das Colhagens.
- DONATA - A selva de wa pálido pretendo plátano limão.
- DUQUE - A água calcinada . Regressaremos a México!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DONATA E DUQUE :
 Teus olhos pedem viajar de regresso, em meu nome. Teus olhos pedem ser uma faca que abre caminhos entre os bosques côm de flama, sobre a terra que é a morada / de orvalho ; teus olhos pedem desatar o gergoio dos pássaros vermelhos, o voo / das verdes colibris, o espalhamento das mariposas douradas. Inimigo de faisão, companheiro da serpente, amigo do tigre, gêmeo de quetzal, prisioneiro da nobreza onocrotônica da selva que em seu centro mesmo oculta a ruína de um palácio de esmeraldas e conchas do mar, de um palácio de cigarras mortas e abelhas sambetoneas, mansão da selva, indistinguível dela, casa de pinturas espectrais, lugar de origem que é também lugar de exílio. Teus olhos serão minha voz : esta terra imensa nos recusas, ali somos necessárias, voz do viajante : ali tudo está por se fazer ; tem supertude e exílio. Regressa, não nos deixes premeindo, serás / sacrificado, não importa : teu regresso e tua morte nos livrarão da espera, nos permitirão cumprir tua promessa, esquecê-la, seguir adiante sem a carga da tua maldita lenda, sem a obrigação insuperável da gratidão : semente nesta terra o Criador foi ao mesmo tempo a criatura, semente ali a criação e a queda foram simultâneas e semente ali uma noção passou as protagonizou.

PAUSA

Regressa. Por que não regressas ? O templo é teu, olho-e, é a mais suntuosa das tumbas. Não te esqueças. (Donata recebe a pedra água)

- DONATA - Tenho vindo saudar-te. Tenho vindo para que me vejas teu corpo no espelho.
- DUQUE - (Do jardim , do perfil)- Por que queres dar-me essa pena ? Quem és ? que te importa meu corpo ?
- DONATA - Sou tua companha. Olha teu corpo. Aparecerás no espelho. Conhece-te. Conhece teu corpo para que possas desejar um corpo idêntico e distinto. O mais semelhante e o mais diferente. O corpo do teu irmão. Tua primeira mulher. A prostituta de teu pai.



Donata e Duque levantam as mãos até tocarem-se. Donata percorre com as mãos o corpo de Duque como se o conhecesse. Pressegue um ballet que é luta e encontro amoroso, acompanhado de sons, até que se lançam às costas da comida. Lutam. Ela vence. Ele atira um pedaço e os dois comem. Duque vai ao armário e traz uma capa de pluma. Coloca sobre os ombros de Donata.

DONATA - A unidade desta sala. Os rocantes de smogon. Os tijolos de argila. O suporte das vigas. Os estofamentos e os móveis destruídos pelas pragas. O odor mineral das fungos. Dos sais cálcicos.

DUQUE - Te disse a verdade, Donata.

DONATA - Senhora ! Não o esqueças. O único problema é manter a dignidade, não regressar / ao lédo, não desenvolvermos uns aos outros. O único protesto é o que comemos, o que vestimos e o que dizemos. Senhora ! Recordo bem ! Semente posso ser tua mãe ou tua sogra. Não quero ser tua mulher porque não necessito da tua companhia. Não deixo-me humilhar-me. Agora tens que voltar a obedecer-me. Nunca tens feito mais que cumprir meus desejos.

DUQUE - Não, não. Semente semente foram meus desejos, Donata...

DONATA - (dá um golpe c/ bastão em Duque)-

DUQUE - Senhora... por favor, sou o meu senhor... essa vez ninguém deu ordem, sou desejo e o meu coincidiram por um instante, você me fez falta e eu lhe fiz falta : dessa vez a necessidade foi... comum. (pensa) - Senhora !

DONATA - E a outra vez ?

DUQUE - Não sei de que fala, te jure.

DONATA - Te dissei antes que se esqueça de mim. Tu sonhas... e das estátuas !

DUQUE - Tenho esquecido. Esta noite não sonhei isso.

DONATA - Não. Esta noite tu sonhaste meus sonhos e eu os teus. Nos contágios nos sonhos : tu, meus maravilhosos sonhos que nunca se repetem ; eu, teu único sonho fechado, teu maldito sonho das selvas e estátuas. Porém te esqueste de uma coisa : que eu já havia esquecido teus sonhos antes, semente que a minha mancha, com a verdadeira conclusão. Vou obrigá-lo a recordares tudo. Vou obrigá-lo a regressar para que pegues nos sonhos.

DUQUE - Creio-me que tenho pegado com o esquecimento.

DONATA - Bom. Para mim, esquecer seria um alívio.

DUQUE - Deixaria de imaginar-me com o que já não és...

DONATA - Eu deixei de uma nave estranha e tenho posse de uma terra estranha...

DUQUE - E se perder a comparação deixaria de ver-me com o que és...

DONATA : Uma mulher esquecida de sua juventude.

DUQUE - E estás sim, senhora, estás sim, estaria você aberta ao que pode ser... então se converteria na posse que você e eu desconhecemos... porém eu, senhora, quando / abandonei a terra...

DONATA - Quando foste expulso da terra...

DUQUE - Como profeta... perdi toda a memória da minha vida anterior. Minha recordação é um longo esquecimento.

DONATA - Tu posso te esquecer e esquecer, esquece-me. Esta noite, escutei teus sonhos.

DUQUE - Seus sonhos foram os de esquecer. Além desta vez, esquecidos por mim.

DONATA - E tu esqueceste meu sonho. Deixei de sentir : o esquecimento.



DUQUE -- O sonho da senhora foi o meu. Porém desta vez, senhade por ela.

DONATA -- Por ela ? Por mim !

DUQUE -- Por ela. Não é a primeira vez que deixo de senhar e meu sonho para senhar e sonho da que dorme comigo. A primeira vez que uma mulher me ouviu falar dormindo...

DONATA -- Uma mulher ?

DUQUE -- Sim. A primeira. Minha amiga, a senheriça Marina. Na escutei e logo me contou o que eu havia dito. Acreditei que essa era a verdade. A escutei e uma grande agústia passou sobre mim. Soube que havia perdido algo muito importante... algo in-comparável. Teguei meu corpo e disse à senheriça Marina que sentia vergonha, que meu corpo não era mais que um peuce do terra, do pena, do desolação, do escurevi-dão. Não disse que me sentia como se houvesse perdido a vida.

DONATA -- Deixo ver, repita e que essa Senheriça Marina te contou que haviam senhado.

DUQUE -- Que tenho estado vivendo com você, senhara.

MARINA -- Está em tempo. Tems mais um dia. Um dia de graça.

DUQUE -- Não, não. Já não há mais tempo. (Recolho os jornais e trastos)

DONATA -- Podes aproveitar para fugir. Podes regressar.

DUQUE -- Não, não.

DONATA -- Segues oronde que devoa cuidar-me ? Depois de te embobedar e se deitar comigo ? Que classes de guardião és ? Pensas que meu marido não vai ficar sabendo ? Acha que preferirá manter a ilusão do que nada tenha mudado ? Não sabes que ele não pode viver se não o castigar ? Éa um tolo. Equante tu crês que tenha sido com-passivo comigo, ele verá um crime em tua piedade, como eu uma ofensa. Sentirá tu vinho nos meus lábios. Sentirá tuas cinzas nas minhas mãos. Sentirá teu cunho em tuas minhas pernas. E eu não te defenderei. Eu serei a primeira em te denunciar, eu te reuegar. Eu direi a meu marido que me embobedaste à força para poder vig-lax-me. Porém não lhe direi que tua verdadeiroa ofensa consistiu em ser o teste-munha piedoso de minha ridícula maturidade... Já é dia ?

DUQUE -- Não sei.

DONATA -- Por que não sabes ? Não tens olhos ? Queres que te substitua por um rocheiro ? Não podes levantar as cortinas e dizer-me se é dia ou noite ?

DUQUE -- É a hora da ceia.

DONATA -- Vais deixar de servir-me ? Vais deixar de dizer-me se e que no redio é sombra ou luz ? Imaginas que com um copo de vinho e um pé te livraste das obrigações ?

MARINA -- A senhora está servida. (Lhe serve a cabeça de um leão)-

DONATA -- Onde está meu trabalho ?

DUQUE -- No lugar do sapato. Junto a tua cadeira.

DONATA -- Deixe de me chamar de tu.

DUQUE -- Sim, senhara.

DONATA -- Encontro o lugar meu trabalho.

DUQUE -- Não sinto mal.

DONATA -- Não pretendes que eu te atenda ? (Donata levanta o tear nos olhos de Duque)-

DONATA -- Queres ainda te embobedar a ceter ? Agora não servas para nada. Obedeça.

DUQUE -- Não o escuteiro... senhara... perdo-me... não o encontro...

DONATA -- Não queres que eu termine não é ? O que queres é que meu marido regresso e per-gunte por meu trabalho e que eu diga que não o termino. Como ? Sete dias de con-



o não tem podido tecer e que te encarreguei ? Os dois contra mim,

DUQUE - No sinto débil, senhora.

DONATA - Basta de protestos.

DUQUE - Não assegure que não voje nada.

DONATA - Guia -to com meu bastão.

DUQUE - Me bastam as mãos. O espaço é bastante reduzido.

DONATA - E não te portenoc.

DUQUE - Que quoz você dizer ?

DONATA - Que andas buscando uma justificativa para ficar aqui comigo. Já encontraste um ro-
canto seguro onde explorar o compadecer de uma mulher que envelhece. Meu marido
te trouxe para que me cuidasses. Tu viste para fazer uso de mim ! ? BODE CEGO :
Dissoste que aqui mesmo, nesta casa, está a pessoa que mais se parece contigo, a
que regressará em teu nome...

DUQUE - Aqui, aqui mesmo está minha própria aparência...

DONATA - Dissoste que continuaria aqui, mesmo que te fesses...

DUQUE - Você continuaria aqui se eu não a acompanhasse ?

DONATA - Não. Eu saíri antes que tu desta casa, a contar pelas ruas que tenho te visto.
Isto dirá que sei onde estás escondido. Eu te anunciará na frente.

DUQUE - Sabes onde quoz ir agora ?

DONATA - Não. Porém tu teapoues. Ainda não o seahaste.

DUQUE - Você crê que poderia acompanhar-me ?

DONATA - Ah, isto está por ver-se. Dentro da minha casa eu te dou ordens. Porém apenas aqui
aqui, quem me assegura que os papéis não se invertem ?

DUQUE - A senhora tem pensado na possibilidade de acompanhar-me sem sair de casa ?

DONATA - Não, porque tenho entre projetos. Sabe e que farei contigo ? Te levarei pela mão
à rua. Serei teu lâzarinho. Te ajudarei a orixar. Te guiarei entre as multidões
Evitarei que te cheques com os postes... as vitrinas... as saliências das janelas...
Faz aqui, Duque, com cuidado... não, ali termina a calçada... dá-me teu braço.
Duque, não o necessites, tens a mim para guiar-te... tens a mim para contar teus
lendas... eu sou teu espectador único e dócil... eu sou o testemunho de tua eter-
na vaidade... eu tenho fé em ti... eu acredito e m tôdas as tuas mentiras tripli-
cadas... eu acreditarei na economia da graça... eu ~~exatamente~~ aceitará tua na-
tureza consubstancial... a leucra scail de teu pai... a degradação de teus filhos
tens a mim... tens a mim... (Donata se afasta rindo, ouvem os ruídos de trânsito)
Escutarás minha voz, cada vez mais distante e pequena... entenderás meus brapos...
perém eu já não estarei aí... estarei te olhando da calçada, debrada em rizes, vê
vendo-te como de : um vagabundo com delírio de grandesa... te deixarei abandonado
na metade da avenida, no meio de trânsito das seis da tarde... girarás como uma
marionete, pobre Duque... pedirás nos gritos que regresso... admitirás que sem mim
não és nada... da xés voltas sobre as plantas dos teus pés sem te atrever a dar /
um passo... teu terror amplificará os ruídos dos metros e businas e escapos...
implorarás minha presença e meu auxílio... sem mim não podes te valer no mundo...
existes porque eu te ensino, eu te conduzo, eu te abandono, eu volte a te reco-
nhecer, eu te necessito e deixo de te necessitar, te venho e sembo de ti,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

obtenho tua absolvição e repito meus pecados, invoco teu poder e cago na tua bondade, te mato e te ressuscito... dá a criatura do meu capricho... peccata quae non possunt teherere... tuas vindas ao mundo para que eu te culpe... ou te deixe de passar, se a luz é vermelha ou verde, se não há autômatos velozes... Agora te deixarei só, só... Já não me preocuparei por ti... esperarei a chegada de minha filha... o ônibus virá em cima de ti... sem te ver... e cairás... as rodas passando sobre teu corpo maltrapilho... serás um boneco sem vida... porque eu te abandonei à tua sorte... (Pausa. Grito de Duque. Vozes de multidão. Ambulância)

Espera! Se aproximar para ver teu cadáver! O guarda de trânsito ou afasta os gritos. Chuva uma ambulância. Alguns sahem de casa, se ver teu sangue. Tudo é inútil. Estás morto! E as pessoas fazem um círculo ao teu redor. As pessoas perguntam: Quem é? Quem será? Não o vimos antes? O conhecemos? Sobre a criatura! Olha: O sangue está escorrendo pelas lâminas. Olha, morreu com os olhos abertos! Sobre a cidade! Horror assis, atropelado, como um cachorro. Todos se fixam em ti, Duque, todos, por um instante, se esquecem de seus pequenos problemas, de sua pressa, de sua irritação, para se concentrar em tua morte. E pouco a pouco se dispersam. Removem as suas ocupações. Regressam a seus lugares. E eles dizem a seus amigos... a suas amantes... a seus filhos... "Foi testemunha de um acidente"... "Vi morrer um homem"... Ou molker: "Um homem foi morto em plena rua"... E tu, começará a viver somente na recordação de um crime. O crime revelará tua existência.

(Duque se levanta.)

Te converterás na obsessão dos que te viram agonizar. E de tanto recordarem a tua morte, chegarão a acreditar que continues vivo... que um dia... ou uma noite... se cruzar a rua... se abrir a porta... teus olhos brancos... as escamas de teu / olhar... os seus olhos do teu olho... teu perfil de larva, de abutre, de lodo, de serpente... reaparecerão... como uma mancha de luz, que se iluminar... revelará nessa escuridão. (Pausa) Minha esperança é que uma voz que te mencie em público, no esqueça de ti e regresso à minha casa para viver tranquilo.

DUCHE - Tranquila? Quem lhe servirá o chá, minha senhora? Quem conversará com você? Você poderá esquecer da criatura que foi seu amante, porém necessitará um entre / que a sirva...

DONATA - Perdi um anúncio no jornal. Não faltará quem precise do serviço.

DUCHE - E sabe quem regressará a oferecer seus serviços? Ela, senhora! Ela, do novo eu, disfarçada com outro traje, com outra voz, com outro rosto; o mesmo criado de sempre, o eterno lacão. E tudo se repetirá exatamente igual, eu me irei, eu regressarei e voltarei a me ir, enquanto a senhora me envia mensagens de pé e pelo pedindo que regresso, que regresso a conversar, a fazer chá, a embobelar-me com a senhora e a deitar-me com a senhora... (Abre a Donata) - Com cada palavra, a senhora me convocará.

DONATA - São minhas palavras e tu não (ocultas) as escutas.

DUCHE - Então as suas palavras existiam antes que você se pronunciasse. As palavras passam através de você e enquanto eu estou a seu lado, passarão também através de mim, antes eu leio de que você se pense ou pronuncie. Já igual. (Pausa)



Eu fancepeço seu denod. delas. Eu tampouco seu anterior a elas. Ausente, ra me sentirá como algo que já não poderá ~~maxxxx~~ começar, algo longe, algo desconhecido e que por isso necessita... Ausente, ou serci e pressentimento e a vida da senhora... Presente, serci...

DONATA - Um ausente. E eu sou uma mulher fascinada pelo vazie. Já e disscosto.

DUQUE - Senhora, eu escrevi as cartas desde e frent, que seu marido somente assinou. Eu crevi todos os dias, enviei a você e nome de tédas as copias, todos os dias, até que o gás me pegou numa trinchoira... (Duque a ameaça com as tesouras).

DONATA - Não sojas infantil. Se me matas, morrerás cemigo. Morrerás para mim. Serás destruída pela desapareição de quem é sentida e teada e escutada por ti. Isto é cogte, nome que vivas com anos depois de minha morte. (Lhe tira as tesouras)

DUQUE - De que te ria, mequinha ?

DONATA - Das cartas. De tédas as cartas que escreveste todos os dias.

DONATA - Não me toques. Teus senbes te enganaram. Não temas chegada ao lugar dos osses / de teu pai mas ao lugar de minha juventude. Eu sei. Eu sinto. É o mesmo jardim. Senhaste ao meu nome. Rebrosinhe. Abra as janelas.

DUQUE - Não. Pedem nos descobrir.

DONATA - Devemos sair ao jardim. Hoje(vamos fazer) devemos fazer tudo o que pareciam possível. Tenhe que te demonstrar que a porcina está flerescente.

DUQUE - É somente uma árvore negra e retercida. Uma figura de tista congelada.

DONATA - Cante bom os dias. Observe o movimento dos astros.

DUQUE - Te digo que o inverno não torainou. Devemos nos esconder na cama. Devemos nos / proteger do frio. (Duque a conduz até a cama)

DONATA - Serão cinco da tarde ? Não trouxeram a carta ?

DUQUE - Sim, senhora.

DONATA - Por que a abriste com minha permissão ?

DUQUE - Semente sentinha um pouco de pó. (Donata teoa a cama. Ao fazê-lo, a figura de um homem desnudo, em postura de senhe eu morte, aparece sêbre a cama e esta se inclina para diante para revelar a figura masculina, feita de pó.)

DUQUE - A senhora nunca mais estará sê. Não e teque senhora. Basta respirar para que esta fragilidade total regresso ao ar e à terra de onde veio.

DONATA - Dissoste que oentinuaria aqui. Não tu.

(As mãos de Donata caem sobre as garras sêbre a figura. Duque leva as mãos aos olhos. Donata leva o pé à boca. O grito de dor de Duque é sufecado pelo pulsar de um coração. Duque sufeca seu grito, toma um braço com a mão, avança derrubando as pilhas de jornais, guiando-se com o bastão pela sala. Desce à platéia e sai. Ao abrir as janelas, estredosos ruídos da rua. Buzinas, apitos, motores. etc. Donata avança às cegas, com o pé nas mãos.)

DONATA - Duque... Duque, onde estás ? Conheço bem tuas artimanhas... Queres assustar-me. Queres me fazer orer que tenhas ido. Esqueces que meu ouvido é tão fino como o teu. Não escutas o barulho de um envelope sêbre a porta ? Não perca tempo me enganando, companheiro. Sei que estás aí. Escute tua respiração. Sinto teu hálito. Sei que me vigias... Duque, ven abrir o envelope. Ven conhecer teu segredo. (Desce pela platéia) - Não sentes a primavera, Duque ? Venha... Não vá... Nada está completo... Eu cuidarei de ti, Duque... Estás me entendendo ? Temes que

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



seguir adiante... Não me abandone... Não me abandone !...

(Sai. Famoso. Uive do leão. Guiso do serpentes.)

(Pela outra entrada., aparece novamente Duque. Novamente com barba. Perdoe des- ta vez com uma mancha negra no olho. Chapéu. Capa negra, traz uma... à mão

DUQUE - Querida. Queridinha ! Olá ! Já voltei. Bem notícias. Ganhei na roleta. Me en- vos ? Ganhei jogando no prôto. Te comprei um colar de pérolas na praia. Me en- vos ? Ganhei. Pedronos pagar as dívidas e até construir um chafariz no jardim (Se detém)- Onde estão minha vida ? É demingo. Não te adverti que regressaria demingo ? Marina... Responda. Terminaste o trabalho que te encarreguei ? (Corrinha pela sala, grunhindo, pateando os restos de comida, os jornais, até chegar à cômoda com as gavetas abertas.)

Marina. Responda. Regressei. É demingo. Eu também tenho direito ao descanso.

Marina ! Onde está teu irmão ? (pausa)- Meu pão e meu vinho !

Meus jornais ! Em descricão ! Como vou consultá-los ? Duque ! Não te proibi que lhe desse de beber ? Que tens feito da tua irmã ? Vou te jogar no meio da rua do onde te tirei ! Não se escondam ! Sempre juntas, não é ? Sangue de var- gabundes... Sangue de criadas ! Em péssima hora eu os trouxe para minha casa. (Metalinge total de cólera. Busca pelos cantos, por trás a casa)

Deixe que os encontre... os expulsarei... os deixo... já não poderão viver a boa vida nas minhas costas... selte-os juntas e quero ver quem as mantêm... jurar- ram se comportar como anjos... raga de demônios... não adianta nada se escon- darem... eu conheço venenos óvnis, serpentes... eu vim pesse ver, cegras... e oximinoso sempre volta ao lugar de meus atos... não se moverei daqui... esta será a minha maneira de perseguir-los... fixe-se em casa e aqui os expulsarei... (Chega perto da cama)- Por Deus ! Marina ! Duque ! O que significa esta cer- ma ?... Deus meu ! Nesse leite ! nesse leite !... em nesse leite !... (Cai deitado na cama, quando um ruído de metal o obriga a levantar. De fundo do teatro, oig- ce homens armados, com vestimentas de serpentes, surgem. O líder vem envolto numa pele de leão.)

COMANDANTE - O que fazes aqui ?

DUQUE - Como ?... é minha casa... a casa é minha...

COMANDANTE- Proye-o. (Confusão de Duque. Os homens preparam suas armas. Duque implora)

DUQUE- Não, não. Não é minha casa... a casa não é minha... não é minha...

COMANDANTE- Que fazes numa casa alheia ? (Duque cai de joelhos, implorando)-

DUQUE- Não, por favor... meus criados pedem explicar tudo... MARINA ! DUQUE ! FILHOS MEUS, REGRESSEM ! POR FAVOR, REGRESSEM ! POR FAVOR

O Comandante repete o gesto, os homens atiram contra Duque, ajeelhado. Cai morto. O Comandante guarda a arma no cetro, caminha até o proscênio, pega o pão e o fecha lentamente, olhando para o público. Sômente uma luz, de intensidade solar, o obriga a pisar os elcos, a levar a mão ao rosto, até fechar totalmente o pão. Desaparece.

Eu tampouco sou denodada delas. Eu tampoucos sou anterior a elas. Assento, e senhe-
ra me sentirá como algo que já não poderá ~~maximo~~ nemear, algo longo, algo que
desconheço e que por isso necessita... Assento, ou sorci e prossont...
vida da senhora... Presente, sorci...

DONATA - Um suspiro. E eu sou uma mulher fascinada pelo vazie. Já o disseste.

DUQUE - Senhora, eu escrevi as cartas desde o front, que sou marido somente assinou. Eu
crevi todos os dias, enviei a você e nome de todas as coisas, todos os dias, até
que o gás me cegou numa trinchoira... (Duque a ameaça com as tesouras).

DONATA - Não sojas infantil. Se me matas, morrerás comigo. Morrerás para mim. Serás des-
truída pela desapareição de quem é sentida e tocada e escutada por ti. Isto é cor-
te, mesmo que vivas com anos depois de minha morte. (Lhe tira as tesouras)

DUQUE - De que te ris, mesquinha ?

DONATA - Das cartas. De todas as cartas que escreveste todos os dias.

DONATA - Não me toques. Teus sonhos te enganaram. Não temas chegada ao lugar dos ossos /
de teu pai mas ao lugar de minha juventude. Eu sou. Eu sinto. É o mesmo jardim.
Senhaste em meu nome. Rebresinhe. Abra as janelas.

DUQUE - Não. Pedem nos descobrir.

DONATA - Devemos sair do jardim. Hoje (vamos fazer) devemos fazer tudo o que parecia im-
possível. Tenho que te demonstrar que a pereira está florescendo.

DUQUE - É somente uma árvore negra e reteroida. Uma figura de tinta congelada.

DONATA - Certo bom os dias. Observe o movimento dos astros.

DUQUE - Te digo que o inverno não terminou. Devemos nos esconder na cama. Devemos nos /
proteger do frio. (Duque a conduz até a cama)

DONATA - Serão cinco da tarde ? Não trouxeram a carta ?

DUQUE - Sim, senhora.

DONATA - Por que a abriste sem minha permissão ?

DUQUE - Semente continha na puce de pé. (Donata teca a cama. Ao fazê-lo, a figura de um
homem desnudo, em postura de sonho ou morte, aparece sobre a cama e esta se in-
clina para diante para revelar a figura masculina, feita de pó.)

DUQUE - A senhora nunca mais estará só. Não se toque senhora. Basta respirar para que esta
fragilidade total regresso ao ar e à terra do endo voie.

DONATA - Disseste que o continuaria aqui. Não tu.

(As mãos de Donata caem sobre a figura. Duque leva as mãos aos olhos.
Donata leva o pé à boca. O grito de dor de Duque é sufocado pelo pulsar de um or-
gação. Duque sufoca seu grito, toma um braço com a mão, avança derrubando as pilhas
de jornais, guiando-se com o bastão pela sala. Desce à platéia e sai. Ao abrir
as janelas, o estrondoso ruído da rua. Buzinas, apitos, motores. etc. Donata a-
vança às cegas, com o pé nas mãos.)

DONATA - Duque... Duque, onde estás ? Conheço bem tuas artimanhas... Queres assustar-me.
Queres me fazer orer que tochas ide. Esqueces que meu ouvido é tão fino como o
teu. Não ouças o barulho de um envelope sobre a porta ? Não perca tempo me en-
ganando, companheiro. Sei que estás aí. Escuto tua respiração. Sinto teu háliti-
to. Sei que me vigias... Duque, vou abrir o envelope. Vou conhecer teu segredo.
(Desce pela platéia) - Não sentes a primavera, Duque ? Venha... Não vá... Nada
está completo... Eu cuidarei de ti, Duque... Estás me entendendo ? Temos que



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



seguir adiante... Não me abandone... Não me abandone !...

(Sai. Pausa. Uiva de lobes. Guiso de serpentes.)

(Pela outra entrada, aparece novamente Duque. Novamente com barba. Porém desta vez com uma mancha negra no olho. Chapéu. Capa negra, traz uma maleta à mão)

DUQUE - Querida. Queridinha ! Olá ! Já voltei. Boas notícias. Ganhei na roleta. No eu vos ? Ganhei jogando no prêto. Te comprei um colar de pérolas na praia. No eu vos ? Ganhei. Pedrones pagar as dívidas e até construir um chafariz no jardim (Se detém)- Onde estás minha vida ? É domingo. Não te adverti que regressaria domingo ? Marina... Responda. Terminaste o trabalho que te encarreguei ? (Caminha pela sala, grunhindo, pateando as restas de comida, os jornais, até chegar à cómoda com as gavetas abertas.)

Marina. Responda. Regressei. É domingo. Eu também tenho direito ao descanso.

Marina ! Onde está teu irmão ? (pausa)- Meu pão e meu vinho ?

Meus jornais ! Em desordem ! Como vou consultá-los ? Duque ! Não te proibi que lho desse de beber ? Que tens feito da tua irmã ? Vou te jogar no meio da rua de onde te tirei ! Não se escondam ! Sempre juntos, não é ? Sangue de vagabundos... Sangue de oriadas ! Em péssima hora eu es trouxe para minha casa. (Estalido total de cólera. Bussa pelas cantos, por toda a casa)

Deixe que eu encontre... eu expulsarei... os dois... já não poderei viver a boa vida nas minhas costas... salte-os juntos e quero ver quem os mantém... juraram ao comportar como sajes... regra de demônios... não adianta nada se escondarem... eu conheço vosses covis, serpentes... eu sim posso ver, at... e criminosos sempre volta ao lugar de seus atos... não se moverei daqui... não será a minha maneira de perseguir-los... ficarei em casa e aqui os expulsarei...

(Chega perto da cama)- Por Deus ! Marina ! Duque ! O que significa esta cena ?... Deus meu ! Nesse leite ! nesse leite !... em nesse leite !... (Cai apoiado na cama, quando um ruído de metal o obriga a levantar. De fundo do teatro, oin ce hegemis arreadas, com vestimentas de serpentes, surge. O Líder vem envolto numa pele de lobo.)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 015

COMANDANTE - O que fazes aqui ?

DUQUE - Como ?... é minha casa... a casa é minha...

COMANDANTE - Provo-o. (Confusão de Duque. Os heemus preparam suas armas. Duque implora.)

DUQUE - Não, não. Não é minha casa... a casa não é minha... não é minha...

COMANDANTE - Que fazes numa casa alheia ? (Duque cai de joelhos, implorando)-

DUQUE - Não, por favor... meus oriadas pedem explicar tuos... MARINA ! DUQUE ! FILHOS MEUS, REGRESSEM ! POR FAVOR, REGRESSEM ! POR FAVOR

O Comandante repete o gesto, os heemus atiram contra Duque, ajeelhado. Cai morto. O Comandante guarda a arma no ombro, caminha até e prescômie, pega o pão e o fecha lentamente, olhando para o público. Sômente uma luz, de intencionalidade solar, o obriga a piscar os olhos, a levar a mão ao rosto, até fechar totalmente o pano. Desaparece.